

Paulo Freire e as palavras geradoras de mundos e de pronúncia de novas realidades



STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, 439 p.

A 2ª edição, revista e ampliada, do **Dicionário Paulo Freire**, organizado por Streck, Redin e Zitkoski (2010), conta com 230 verbetes, ou seja, com palavras, expressões e conceitos identificados com o legado freiriano. Trata-se de uma edição que amplia, portanto, a primeira em 50 verbetes, como expressão de diferentes categoriais conceituais. Para o desenvolvimento das principais características contidas em cada um destes verbetes, os organizadores contaram com a participação de 104 autores e autoras. Inquestionavelmente uma obra feita “a várias mãos” no estilo que não só se credencia como coerente ao espírito coletivo presente na educação libertadora proposta por Freire como também pelo respeito à diversidade, neste caso, dos estilos e dos pontos de vista de cada um e cada uma que contribuiu na elaboração dos verbetes. A leitura dos verbetes aguça a curiosidade e irremediavelmente nos leva a procurar as obras de Paulo Freire. Quase que como uma “narrativa de suspense” do tipo aqueles em que você escolhe o final do enredo, o **Dicionário Paulo Freire** funciona como uma *trama*.

Paulo Freire é apresentado pelos organizadores do Dicionário como um “semeador e um cultivador de palavras”, porém não por quaisquer palavras! Palavras “grávidas de mundo”, que partem das motivações (*pretexto*) do educando e da educanda, e estas necessariamente estão carregadas de elementos da realidade em que vivem e observam. Eis, portanto, uma maneira diferente de lidar com a *realidade*, naquilo que o professor Luiz Augusto Passos expressa no verbete *Tema Gerador* (p. 388) como “sentido de unidade e síntese entre conhecimento e vida” e como “lugares” cheios de experiências que dão “sentidos cotidianos às vivências”. A educação do *oprimido*, daquele está privado de liberdade, tem como tarefa específica do educador/a se fazer por meio do *diálogo*, problematizando a realidade concreta do educando/a, pois

se compreende que um *texto* é melhor conhecido quanto melhor situado no *contexto*. Segundo Moacir Gadotti, no verbete *Realidade* (p. 344), para Paulo Freire esta não é apenas um dado objetivo, concreto, “se não, também, a percepção que o homem tem dela (sic)”. Realidade, portanto, não se trata apenas de constatação do que “é”, mas também de como poderá “vir ser”. Este elemento é base de seu pensamento utópico.

Nas mais de 400 páginas do Dicionário Paulo Freire, vamos observando as relações destas muitas palavras, expressões e conceitos e, principalmente, percebe-se a coerência das “partes” com o “todo” (se é que é possível chegar ao final de suas contribuições) do legado freiriano. Seu pensamento utópico como manifestação recorrente e sustentada pejorativamente pelo senso comum, por exemplo, como nos alerta a professora Ana Lúcia de Souza Freitas, no verbete *Utopia* (p. 412), nos permite compreender que a “utopia concreta” de Freire é, sobretudo, ato de denúncia e de anúncio, em sua relação dialética, à realização dos sonhos possíveis na condição de que a realidade pode vir a ser transformada. Esta utopia dialoga com a *esperança*, e está diretamente ligada com outros conceitos como *inédito viável* e *sonho possível*. A esperança para Freire é ‘necessidade ontológica’, um ‘imperativo excepcional e histórico’, conforme Danilo Streck, no verbete *Esperança* (p. 161). Já a “desesperança é a esperança que perdeu o rumo”.

A educação para Freire é processo em que as pessoas se compreendem como inacabados. “Somos um ser por fazer-se; um ser no mundo e com os outros”, envolvidos num processo contínuo de “emancipação”. De acordo com Sérgio Trombetta e Luis Carlos Trombetta, no verbete *Inacabamento* (p. 221), é esta condição humana de inconclusão que nos enche de esperança em relação ao futuro, como fazedores da própria *história*. É, portanto,

uma educação coerente com a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito desta. É tomada de posição que não se acomoda em uma visão dominante e fatalista de que “não há nada que fazer, a realidade é assim mesmo”.

Assim, *Realidade, Universo Vocabular, Opressor/Oprimido, Tema Gerador, História, Utopia, Sujeito/Objeto, Inacabamento, Autonomia, Exclusão Social, Conscientização, Esperança, Texto/Contexto*, entre tantas outras expressões, palavras e conceitos, estão problematizadas no Dicionário Paulo Freire. Porém, ousar dizer que talvez muitas das curiosidades em relação à obra de Freire tenha sentido naquilo que chamam de *Método Paulo Freire*; por vezes, uma busca pelo procedimento quase que “receituário” na forma do ensinar ou do alfabetizar. É Carlos Rodrigues Brandão quem desenvolve este verbete (p.263) e o abre com a seguinte afirmação: “Paulo Freire não criou um método de alfabetização. Ele estabeleceu em um artigo (...) todo um projeto integrado de educação, que começava com um método de alfabetização e concluía com a proposta de uma universidade popular. O método de alfabetização era apenas o seu primeiro andar”. A unidade de um grupo se dava através dos *Círculos de Cultura*, em que todos e todas participantes se viam construtores do conhecimento. A metodologia freiriana, portanto,

estabelece um processo de *comunicação* que é de reciprocidade, na qual as possibilidades do aprender-aprender-ensinar são infinitas, sempre valorizando os saberes e a cultura popular. Para Freire uma educação que parta da realidade do oprimido é sempre uma educação que coloca em perspectiva a *mudança* da realidade opressora.

Este dicionário é, sem dúvida, um importante instrumento para os educadores/as, educandos/as, pesquisadores/as e curiosos/as, no encontro de um caminho próprio na compreensão das múltiplas contribuições de Paulo Freire à educação. Pode ser fonte de uma primeira aproximação com a obra de Freire, mas poderá também levar a um grau maior de aprofundamento dos estudos de categorias, quando apuradas uma determinada “curiosidade epistemológica”. É uma obra que desafia-nos à reflexão e à ação, à criticidade e à humildade científica, ao compromisso com o nosso tempo e nosso lugar de ação política, mas sobretudo nos desafia a gostar da vida, qualidade essencial do educador e da educadora para a liberdade. Paulo Freire nos desafia, por fim, a pronunciar novas realidades.

CHERON ZANINI MORETTI
Doutoranda em Educação, Bolsista CNPq,
Unisinos, São Leopoldo, RS, BR